

JORNAL: *Journal do Brasil* LOCAL: *Quarabara*

DATA: *02 105 1972* AUTOR: *Celina Luz*

TÍTULO: *Bonnard visto por quem faz arte*

ASSUNTO: *Bonnard visto por Ivan e outros*

A exposição Pierre Bonnard — uma das mais importantes trazidas ao Brasil — está em seus últimos dias no Museu de Arte Moderna. Montada em espaço amplo no segundo andar e complementada com ambientação musical — Ravel, Debussy e Erik Satie — a mostra tem atraído gente de todas as idades e, principalmente, artistas. São estes que dão aqui sua visão pessoal sobre o pintor francês e sua obra, em opiniões que poderão contribuir para a apreciação dos retardatários que forem ao MAM ver 39 dos quadros do artista, hoje reconhecido como um dos grandes de todos os tempos



NU VIOLETA, 1932



A ROSA, 1905

### A indestrutível maestria

Considero um privilégio essa exposição de Bonnard. Não é todos os dias que um artista dessa importância, através de obras de várias épocas de sua vida, pode ser visto em um conjunto indiscutivelmente muito bem selecionado. Se não temos nessa mostra algumas de suas peças mais divulgadas através de reproduções, sabemos que isto acontece porque pertencem a museus europeus ou americanos que não as emprestam. As que estão aqui pertencem a uma galeria com a qual o pintor tinha contrato e que foram objeto de litígio entre ela e seus herdeiros. Assistimos, então, a uma mostra do que foi encontrado no atelier de Bonnard quando ele faleceu, pelo menos em maioria. Digo isto para que as pessoas não informadas que visitem essa exposição levem em conta a extrema sensibilidade, a indestrutível maestria e caráter de uma obra das mais marcantes do século XX.

Tendo pertencido ao grupo dos Nabis, Bonnard foi com outros artistas, em particular com Vuillard, um dos elementos que permitiu a compreensão da chegada da abstração, do tachismo como movimento importante, decisivo mesmo num instante da crise da arte con-

temporânea. Crise salutar, em minha opinião, pois traria à pintura senão um novo, talvez um mais profundo sentido, dando a esta temática intimista uma transcendência que nunca antes tinha sido atingida, provando principalmente que o tema tinha e não tinha nenhuma importância.

Hoje prestamos valores universais que são devidos a um mestre que desencadeou, sem ser necessariamente um revolucionário vanguardista, uma maior compreensão daquilo que nos cerca e interessa, que é o ambiente em que o homem vive. Em sua extrema qualidade, nos traz um elo de uma arte eminentemente ligada à melhor tradição da pintura anterior e que nos liga com a liberdade da arte contemporânea. Hoje, quase 30 anos após sua morte, redimensionando o artista através de sua obra, só a mais completa falta de sensibilidadeitaria alguém afirmar que Bonnard, com a exposição que aqui temos, ou qualquer exposição que com seus quadros se organizasse, fosse classificado como um artista médio semelhante a centenas de outros que a França, nesse mesmo período pudesse ter produzido.

CARLOS SCLIAIR

# BONNARD VISTO POR QUEM FAZ ARTE

CELINA LUZ

## Antes que seja tarde

Numa época de extrema violência, em que o ser humano não é o mais importante, chega-nos o velho Pierre Bonnard mostrando a natureza, o homem e todos aqueles valores eternos e tão esquecidos agora. Será que a presença de um Nabis (profeta) nos ajudará?

Bonnard retratou o seu país e a sua época com uma enorme fidelidade e isto me faz pensar no nosso problema — o problema da arte brasileira. Não adianta nada a gente ficar fazendo "arte & tecnologia" ou outras importações mais ou menos sofisticadas, para com isso iludir a nós mes-

mos a respeito de nossa própria condição. Não digo isso somente a respeito dos mais jovens que estão importando as fórmulas mais novas, mas também dos mais velhos que importaram as fórmulas mais velhas, mas sempre fórmulas. Estamos precisando de uma outra Semana de Arte Moderna para sacudir a poeira desta estagnada, acadêmica, falsa e importada arte que se faz no Brasil hoje.

Nós precisamos descobrir a nossa própria verdade. Seria bom que aprendêssemos a lição de humanidade do velho Bonnard. Antes que seja tarde demais.

GLAUCO RODRIGUES

## A dimensão das cores

Bonnard é pintor muito importante. Existe aquela faixa de pessoas que acha que é passado. A questão não é essa: passado ou presente. Ele é um pintor de alta categoria. Existe um número de pintores de vanguarda que depois de certo número de anos não resistirá como resistiu Bonnard. O que mais impressiona em sua obra é a cor. Vemos que ele não segue a cromática habitual. Coloca cores que geralmente a gente pensa que não combinam e dá nova dimensão ao quadro. A luminosidade em Bonnard tem sentido puramente naturalista. Em campo oposto, um pintor que tem problemática igual é Mark Rothko, artista russo. O MAM possui dois quadros seus nos quais não sentimos a problemática porque es-

tão muito mal tratados. Desta exposição, quadros de 1905 estão em perfeito estado.

Pintor tipicamente francês, da geração passada, Bonnard é intimista, não seguindo o modernismo, tendo dado à cor essa qualidade que é bem dele, quase de profeta. A cor tem o sistema de Bonnard, em Bonnard é outra coisa. As que estão aqui não são as obras principais, as mais importantes. Mas é um belo tento do Museu, do meu ponto-de-vista, porque o artista tem importância, não só por ele, como para o público que, assim, pode ser acostumado a gostar das boas obras de arte. É o caminho mais certo que o Museu está tomando: trazer boas exposições.

IVÁ SERPA



LE GANT DE CRIN, 1939

## Uma vanguarda verdadeira

Quando Bonnard fez o cartaz comercial France Champagne, uma litografia de 78 x 50cm em que uma loura bebe champagne num fundo amarelo transbordante de espuma, ele conseguiu convencer a família a aceitá-lo como artista. O argumento decisivo deve ter sido os 100 francos recebidos pelo trabalho. Fora da família o cartaz causa outra espécie de impacto, revela um pintor desconhecido, recusado pelo salão oficial, que vai revolucionar a arte gráfica, colocar algo novo nos muros de Paris.

O que me fascina em Bonnard é que esse vanguardista de gênio, pintor intimista, tinha plena consciência do papel social da arte e procurou divulgá-la pela litografia e imprensa. Herdeiro natural dos impressionistas, opôs-se a eles na medida em que buscou um meio mais racional de pintar. Sob a influência de Gauguin, revelado à turma por Sérusier, fundou com Denis, Vuillard e outros o grupo Nabis. E uma das teorias do grupo era: "Pintar é revestir uma superfície com cores distribuídas segundo determinada ordem."

Bonnard pinta e faz litografias, e as duas técnicas se completam. Reparem em Le Grand Nu Jaune, uma das telas expostas no MAM: parece uma prova tipogr-

fica de um maravilhoso cartaz. E foi pela mão de Bonnard que Toulouse-Lautrec entrou numa oficina de litografia e começou a criar outras obras-primas. Circunstancial, continua sua extensa obra de gravuras: cenas de família, interiores, naturezas mortas, aspectos de Paris e com graça e sensualidade, nus, nus e nus, numa criatividade que contestava os canones da época sobre a unicidade da obra de arte, privilégio para poucos.

O que faz de Bonnard um homem e um artista de nosso dias não é o fato de ter morrido outro dia, em 1947. Ele é novo por sua atitude de pintor e de gráfica voltado para sua época, para as novas técnicas e novas idéias. Problemas e temas hoje em debate nas artes gráficas e na publicidade — integração imagem/texto, tipologia, composição com grandes planos em desfoque, sexo e arte — foram sempre abordados por Bonnard através do milagre de luz e com muita alegria. Quando se ouve hoje "o museu está nas ruas", ressurge o nome de Bonnard: profeta, soube usar as técnicas de reprodução de sua época como prolongamento de sua inteligência e sensibilidade, até a juventude de seus 80 anos.

FERDI CARNEIRO

## O convite a uma pincelada

Bonnard nos toca pelo seu gênio cromático, pela sua excepcional sensibilidade e pelo seu senso do humano. Logo nos identificamos com seus quadros, e a comunicação se estabelece tranquilamente, deixando-nos até sugerir a continuação de uma pincelada incompleta, quase que partilhando na sua obra.

ANDRÉ LOPES

## A visita rara de um amigo velho

A gente fica muito desligado aqui no Brasil. E quando vê coisa de valor mesmo é outra coisa. É um conforto que aparece algo assim no Brasil. Fiquei emocionado quando vi a exposição. Uma beleza.

ALFREDO CESCHIATTI

## Busca constante no mundo burguês

Formas diluídas, em cores com grande força lírica, este mestre neo-impressionista não é propriamente um revolucionário nas artes plásticas. Embora não provoque grande impacto aos apreciadores de tendências pictóricas, tem lugar importante na arte francesa, merece ser visto e apreciado. Bonnard teve a coragem de enfrentar críticas e ataques, mantendo-se fiel a si mesmo numa busca constante em seu mundo burguês.

THAIS A